



**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FUTSAL PARA CEGOS: a importância do futsal na reabilitação do
deficiente visual**

**Fábio Silva Cunha
Lorram Manuel Oliveira Gonçalves e Silva
Tiago Barros de Jesus**

ORIENTADOR: Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum.

Trindade - GO
2015

**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FUTSAL PARA CEGOS: a importância do futsal na reabilitação do
deficiente visual**

**Fábio Silva Cunha
Lorram Manuel Oliveira Gonçalves e Silva
Tiago Barros de Jesus**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum

Trindade - GO

2015

**Fábio Silva Cunha
Lorram Manuel Oliveira Gonçalves e Silva
Tiago Barros de Jesus**

**FUTSAL PARA CEGOS: a importância do futsal na reabilitação do
deficiente visual**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora
durante Seminário de Apresentação
do Trabalho de Conclusão de Curso
como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em Educação
Física, aprovada pela seguinte
banca examinadora:

Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum
Faculdade União de Goyazes

Prof. Esp. Divino Eterno Bruno Alves
Escola Est. Dom Prudêncio

Prof.^a Esp. Aneci Neves da Silva Delfino
Faculdade União de Goyazes

Trindade - GO

10/12/15

FUTSAL PARA CEGOS: a importância do futsal na reabilitação do deficiente visual

Fábio Silva Cunha¹
Lorram Manuel Oliveira Gonçalves e Silva¹
Tiago Barros de Jesus¹
Ali Kalil Ghamoum²

RESUMO

O futsal é o esporte que tem sua prática ligada ao futebol de campo, o esporte mais popular do Brasil. A prática do futebol por pessoas com deficiências visuais e cegas teve sua origem em meados da década de 1920 na Espanha, nas escolas e instituições especializadas ao atendimento desse público, como forma de recreação dos alunos. Este trabalho tem como principal objetivo compreender o futsal de cegos com sua história, e como o esporte ajuda na reabilitação do deficiente visual. O método utilizado nesta pesquisa foi o levantamento bibliográfico com artigos selecionados que variam de 1995 até o ano de 2007, tendo como base autores conhecidos pela literatura acadêmica e com influência no esporte. Constatou-se que o futsal na reabilitação de deficiente visual apresenta melhoras nos aspectos físicos e motor, melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor.

PALAVRAS-CHAVE: Futsal de cegos. Cegos. Deficiência.

FUTSAL FOR THE BLIND: the importance of futsal in the rehabilitation of the visually impaired

ABSTRACT

The indoor soccer is the Sport that has his practice linked to soccer Field, the most popular Sport in Brazil. The soccer practice by visually impaired and blind people had its origin in the middle of the decade of 1920 in Spain, at schools and specialized agencies in this public service, as a form of recreation for students. This paper aims to understand futsal blind and its history and how the Sport helps in the rehabilitation of the visually impaired. The method used in this survey was the literature with selected articles vary from 1995 until 2007, based on known authors by literature with some influence in Sport. Found that futsal in the rehabilitation of the visually impaired shows improvement in the physical and motor aspects, improves cardiovascular condition of the practitioners, improves strength, the agility, motor coordination, balance and motor repertoire.

KEY-WORDS: Futsal blind, Blind, Rehabilitation

¹ Acadêmicos do curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

² Orientador: Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum, Faculdade União de Goyazes.

INTRODUÇÃO

O futsal é um esporte que tem suas características muito próximas ao futebol de campo, sendo este considerado hoje o esporte mais popular do Brasil. A história do futsal remonta o ano de 1934 o qual foi criado em Montevideu pelo professor de educação física Juan Carlos Ceriani que “buscou uma alternativa que captasse menos atletas e pudesse ser praticado em um espaço menor, já que para a prática do futebol de campo oficial há a necessidade de campo com grandes dimensões” (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

O futsal teve a sua popularização por todo o Brasil no ano de 1950 com a elaboração das regras e o surgimento de federações e confederações. Como em outros esportes o futsal fundamenta-se em ações táticas de ataque e defesa com movimentações e ações das duas equipes e tendo como objetivo “realizar o maior número de gols contra a equipe adversária e impedir que a mesma marque gols contra o seu time” (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

Segundo dados do IBGE (2010), no Brasil, o futsal ocupa o 1º lugar entre os esportes mais praticados por todas as classes sociais não apenas por não necessitar de muito espaço e quantidade de atletas como no futebol mas também pela maneira simples com que é jogado e por não exigir de seus praticantes nenhum material sofisticado, somente a bola, jogadores e as traves.

O futsal atrai desde crianças até idosos e sua prática tem início cada vez mais cedo. Ele ocupa o primeiro lugar entre os esportes mais praticados no Brasil em todas as classes sociais, inclusive, pessoas com deficiência visual. (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

A prática do futebol por pessoas com deficiências visuais e cegas teve sua origem em meados da década de 1920, na Espanha, em escolas e instituições especializadas ao atendimento desse público como forma de recreação dos alunos (IBSA, 2006). Dentro do futsal para deficientes visuais, temos toda uma equipe e planejamento para suprir várias necessidades exigidas pelo esporte durante sua prática, inclusive de um professor (apoiador)

específico para ajudar e contribuir para uma melhor qualidade de ensino e até mesmo uma melhora significativa na reabilitação do deficiente visual através do esporte.

O futebol de cinco serve justamente como um campo de estimulação, de forma que o aluno possa adquirir mais autoconfiança, através do conhecimento de seu próprio corpo. É o que afirma Cutsforth (1969), citado por Junior e Santos (2001), que para a criança que possui visão normal se desenvolver, ela precisa de um campo de estimulação cada vez maior. Já a criança deficiente visual deve buscar esse campo de estimulação no seu próprio corpo, esse é o motivo pelo qual as crianças praticam o esporte em busca de uma melhor reabilitação.

Nos aspectos físico e motor, o esporte melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor. No aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de sociabilização com pessoas portadoras e não portadoras de deficiências, torna o indivíduo mais independente para a realização de suas atividades diárias e faz com que a sociedade conheça melhor as potencialidades dessas pessoas especiais. (SOUZA, 2011)

Assim, com relação às informações adquiridas, com diversos autores, este trabalho tem como principal objetivo compreender o futsal de cegos com sua história e como o esporte ajuda na reabilitação do deficiente visual.

HISTÓRIA DO FUTSAL

O futsal é um dos esportes mais praticados em todo o mundo. Todos os dias, observamos nas ruas adolescentes jogando pelas quadras da cidade, adultos levarem os filhos para assistirem os pais jogarem uma partida com os colegas de serviço, ou comentando nos bares sobre as jogadas fantásticas dos atletas consagrados, campeonatos escolares levando vários jovens às quadras, onde também são realizados campeonatos estaduais, brasileiros e mundiais de futsal. (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

A história do esporte criado em Montevideu no ano de 1934, mostra que o professor de educação física Juan Carlos Ceriani buscou uma alternativa que captasse menos atletas e pudesse ser praticado em um espaço menor, já que para a prática do futebol de campo oficial há a necessidade de campo com grandes dimensões. O nome inicial do futsal, dado pelo professor foi de *Indoor-Foot-Ball* (VIEIRA & FREITAS, 2007).

O presidente da confederação brasileira de futebol, Álvaro Melo Filho, iniciou em setembro de 1988 um movimento com o presidente da FIFA (Federation Internationale de Football Association) João Havelange e o secretário geral Joseph Blater, o presidente daquele ano, para que assim, a entidade número um do futebol mundial “encampasse” a FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) e passasse a comandar o futsal em âmbito mundial. Foram realizados até 2015 dez campeonatos mundiais e o Brasil se consagrou campeão em sete edições (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

Assim, o futsal começou a desenvolver-se recebendo novas entidades, novos campeonatos foram criados, e as regras foram modificadas com o passar do tempo. Já no ano de 2007 a modalidade futsal foi incluída nos jogos Pan Americano realizado no Rio de Janeiro (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

Com o passar do tempo, o futsal passou a ser conhecido e praticado mundialmente por vários indivíduos, não só na prática, mas também em suas estruturas organizacionais como técnicos, preparadores físicos, dirigentes, dentre outros, também praticado em entidades de amparo aos deficientes, em específico o cego.

FUTSAL PARA CEGOS

Existem relatos que no Brasil, na década de 50, cego jogavam futebol com latas ou garrafas, mais tarde com bolas envolvidas em sacolas plásticas nas instituições de ensino e de apoio a estes indivíduos, como o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro; Instituto Padre Chico, em São Paulo e

Instituto São Rafael, em Belo Horizonte. Em 1978, nas Olimpíadas das APAEs, em Natal, aconteceu o primeiro campeonato de futebol com jogadores deficientes visuais no Brasil. A primeira Copa Brasil foi em 1984, na capital paulista. Contudo, o IPC (Comitê Paraolímpico Internacional) reconhece como primeiro campeonato entre clubes o acontecido na Espanha, em 1986. (FONTES, 2006)

No Brasil existem relatos da prática do futebol desde a década de 1950 t em escolas e instituições especializadas. Segundo Fontes (2006), as primeiras instituições a praticar o futebol para cegos foram a Instituição Santa Luzia, em Porto Alegre; Instituição Padre Chico, em São Paulo; e a Instituição Benjamim Constant, no Rio de Janeiro.

O futebol para cegos atualmente tem as regras baseadas no futsal, com algumas alterações. A *International Blind Sports Federation* (IBSA), que foi criada em 1981, na Espanha, gerencia a modalidade e todas as outras modalidades esportivas para cegos em nível mundial e a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) gerencia em nível nacional.

Em alguns casos, as crianças com deficiência visual e cega começaram a praticar a modalidade em ambientes informais pela convivência com outras crianças que não possuíam esta deficiência (ITANI, 2004).

O primeiro campeonato brasileiro de futebol para cegos foi disputado em 1986, mesmo ano do primeiro campeonato espanhol. Foi organizado pela Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), atual CBDC (CBDC, 2006). Antes disso, aconteceram alguns campeonatos organizados pela antiga Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Nas Olimpíadas das APAEs a modalidade futebol para cegos era disputado por instituições convidadas (FONTES, 2006; ITANI, 2004). Em 1994, a IBSA deu origem ao subcomitê de futebol para cegos, fato importantíssimo para a regulamentação da modalidade, já que cada país propunha as suas próprias regras. Isso permitiu a disputa de campeonatos internacionais, apesar de os países já terem disputado um torneio internacional na Espanha antes dessa unificação em 1988 (FONTES, 2006).

O primeiro campeonato mundial foi organizado aqui no Brasil, em Paulínia-SP em 1998. O Brasil foi bicampeão mundial (1998 e 2000) nas quatro vezes em que o título foi disputado. O Brasil venceu em 1998 (Brasil) e em 2000 (Espanha). É também campeão paraolímpico, título conquistado nas Paraolimpíadas de Atenas em 2004, quando a modalidade foi disputada pela primeira vez (CBDC, 2006). A Argentina venceu os outros dois campeonatos: 2002, no Brasil e 2006 na Argentina (IBSA, 2006).

No Brasil existem competições nacionais e regionais organizadas pela CBDC. As equipes são formadas por associações ou entidades que atendem pessoas com deficiência visual e cega. Os regionais respondem às divisões geográficas do nosso país com algumas adaptações em virtude da variação do número de equipes participantes em cada região. O campeonato nacional tem as seguintes divisões: A (primeira divisão) e B (segunda divisão) (CBDC, 2006).

Existem competições ou outros eventos, também informais, realizados pelas federações estaduais, instituições especializadas, secretarias de esporte das prefeituras e outros órgãos públicos e privados.

O peso dessa influência pode ser demonstrado pela busca das próprias pessoas com a cegueira por adaptações ao jogo de futebol, antes mesmo da regulamentação da modalidade. Eles colocavam tampa de garrafa na parte externa de uma bola ou a revestiam com saco plástico; jogavam com latas ou com suas tampas; colocavam pedras dentro de garrafas de plástico; inventavam “bolas” que produzissem som quando estava em deslocamento (FONTES, 2006; ITANI, 2004; MATARUNA et al., 2005).

A vontade de jogar futebol serviu de motivação para a fundação de entidades e associações para o atendimento de pessoas com a cegueira, não somente em relação ao esporte, mas também ao atendimento em outros âmbitos (ITANI, 2004).

De acordo com Souza (2002), a criação do gol a gol pelos alunos do Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro, que era um jogo no qual não tinha número certo de pessoas para jogar, era praticado nos intervalos das aulas, com a utilização de bolas envoltas com saco plástico no espaço demarcado pelas pilastras e teto do pátio da instituição. Cada equipe tentava

marcar gol na meta adversária respeitando um aviso verbal do oponente para a autorização do chute.

Por mais que as pessoas cegas se incluam numa cultura que preconiza tanto o sentido visual (e que, por isso, pode ser considerado o maior difusor do patrimônio existente entre os sentidos utilizados normalmente), elas percebem e participam do mundo que as rodeia de maneira específica, diferente da maneira vivenciada pelas pessoas que possuem o sentido visual integralmente e, portanto, não deixam de ser influenciada pelos fenômenos existentes e relevantes para as culturas dos quais fazem parte (SACKS, 1995).

Sabe-se que metade do córtex cerebral é dedicado à visão (SACKS, 1995) e 80% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos (ACKERMAN, 1996). Sendo assim, são as particulares percepções sobre um mesmo fenômeno que criam as diferentes formas de lidar com ele. Nesse sentido, apesar da especificidade do futebol para cegos e de suas diferenças em relação ao futebol ou ao futsal, ele é expressão desse fenômeno nas possibilidades das pessoas com deficiência visual. É, portanto ao mesmo tempo, uma nova modalidade, sem deixar de ser futebol (MATARUNA et. al. 2005).

CARACTERÍSTICAS DA CEGUEIRA

Uma das características da cegueira é a visão que o cego tem do mundo. É de uma riqueza única, incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas sim a existência suficiente de um ser humano completo que incorpora todos os aspectos de moral a ser humano (MONTE ALEGRE, 2003, p.12)

A cegueira é uma deficiência visual, vem como uma limitação de uma das formas de apreensão de informações do mundo externo. Trata-se da perda total ou parcial da visão, visão reduzida ou ainda o daltonismo que é uma espécie de cegueira. Isto pode ser causado por inúmeros fatores, tais como traumas oculares ou patologias oftalmológicas que se agravem por falta de tratamento adequado ou gravidade da doença ocular. A cegueira pode ser congênita ou adquirida ao longo da vida do indivíduo. Além da cegueira

encontramos em diversos indivíduos a baixa visão. (THOMAS J. CARROLL, 2002).

Embora haja quem acredite ser o termo “cego” preconceituoso ou pejorativo, não compartilhamos dessa premissa. Utilizamos a palavra por seu caráter descritivo: cego é aquele que é privado de visão, segundo o dicionário Houaiss e é dessa realidade que estamos tratando. Não há preconceito na utilização do termo cego. O preconceito está em pressupor que o cego é um sujeito menos capaz. (THOMAS J. CARROLL, 2002).

DEFICIÊNCIA VISUAL

Certamente a visão é o sentido mais importante que possuímos, pois permite nos orientarmos por todo e qualquer lugar em qualquer ambiente em que estivermos. Segundo GIL (2000, p. 7), a visão é o canal mais importante de relacionamento do indivíduo com o mundo exterior, bem como a audição que também é outro sentido importante, pois ele capta os registros próximos ou distantes e permite organizar as informações trazidas pelos órgãos dos sentidos.

Classificação dos deficientes visuais

A visão abrange um amplo espectro de possibilidades, desde a visão perfeita até a cegueira total, para tanto, podemos classificar as pessoas com deficiência visual em dois grupos, cegueira e visão subnormal.

De acordo com GIL (2000, p.6):

Chama-se visão subnormal (ou baixa visão, como preferem alguns especialistas) a alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitações de outras capacidades. Uma definição simples de visão subnormal é a incapacidade de enxergar com clareza suficiente para contar os dedos da mão a uma distância de 3 metros, à luz do dia; em outras palavras, trata-se de uma pessoa que conserva resíduos de visão.

Ainda de acordo com Gil (2000), a visão subnormal é uma redução da visão e da sensibilidade a qual dificulta a capacidade do indivíduo de enxergar com clareza, podendo chegar, inclusive, na cegueira total. Assim, ele terá dificuldades em realizar suas tarefas diárias, atividades físicas e até mesmo o esporte, como o futsal de cegos.

REGRAS DE FUTSAL DE CEGOS

A quadra de jogo³

A quadra e suas características estão determinadas na figura a seguir:

Largura: máximo 22 metros mínimo 18 metros

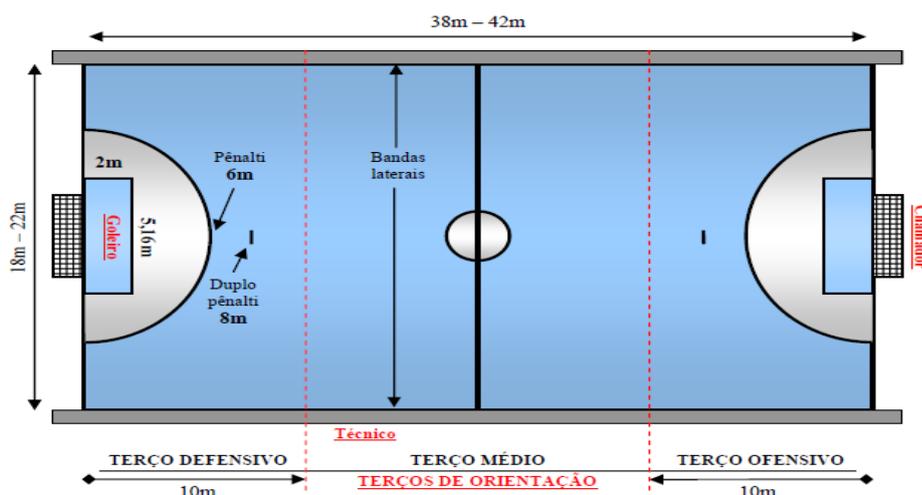


Fig. p.1 – A quadra. Fotos: Márcio P. Morato.

A quadra de jogo deve ser sempre descoberta para melhor acústica dos jogadores. Em situações climatológicas fora de controle do comitê organizador, (chuvas persistentes, ventos fortes e outros) deve se contar, em segundas instâncias, com uma quadra de jogo coberta com umas características similares, a qual também poderá ser de madeira, borracha sintética ou similar, com o objetivo de assegurar a continuação da competição.

³ Todas as informações sobre as regras do futsal para cegos foram retiradas da revista URECCE, disponível em: <<http://urece.org.br/site/esportes/futebol-para-cegos/regras-do-futebol-para-cegos/>>.

Essa segunda opção de quadra deve ser vistoriada e aprovada pelo delegado técnico da IBSA e o comitê organizador antes do início da competição. O delegado técnico da IBSA e o comitê organizador se certificarão que a iluminação artificial da quadra seja adequada para a disputa de partidas noturnas.

Dimensões

A quadra deve ser retangular e seu comprimento deve ser sempre maior que a sua largura.

Partidas Internacionais

Comprimento: 42 metros (máxima) 38 metros (mínima)

Largura: 22 metros (máxima) 18 metros (mínima)

Marcação

A quadra deve ser marcada com linhas. Tais linhas pertencem às áreas que elas demarcam.

As duas linhas laterais de jogo são chamadas de bandas laterais e marcadas com bandes ao longo de toda sua extensão e um metro além de ambas as linhas de meta nos dois lados da quadra. As bandas devem ter entre um metro e um metro e vinte de altura e devem ter uma angulação máxima de 10° para fora da quadra.

As duas linhas mais curtas recebem o nome de linhas de meta.

Todas as linhas devem ter oito centímetros de largura. A superfície esta dividida em duas metades por uma linha média denominada linha do meio de campo.

O centro da superfície deve estar indicado por um ponto situado no centro da linha do meio de campo, ao redor da qual se traça um círculo com um raio de três metros.

Marcação das áreas de orientação

Nas bandas laterais, a de dez metros aproximadamente das linhas de meta, são marcadas na parte superior, linhas de oito centímetros de largura, de forma que a quadra fique em três áreas de orientação.

Área Penal

A área penal, situada em ambos extremos da quadra será demarcada da seguinte forma:

São traçadas duas linhas imaginárias de seis metros de comprimento, desde o exterior de cada trave e perpendiculares à linha de meta; ao final dessas linhas será traçado um quadro de círculo em direção à banda lateral mais próxima que terá, cada um, um raio de seis metros a partir da parte exterior da trave. A parte superior de cada quarto de círculo se unirá mediante a uma linha de 3,16 metros de comprimento, paralela à linha de meta entre as traves.

Área do Goleiro

São traçadas duas linhas imaginárias de 1 m de comprimento, desde o exterior de cada trave e paralela à linha de meta, estas linhas estarão unidas com duas linhas paralelas de 2 m de comprimento até o interior da quadra de jogo e unida a esta estará uma linha reta de 5,16 m de comprimento e paralela à linha de meta.



Fig. p.4 – A área do goleiro. Fotos: Márcio P. Morato

Marca do Pênalti

É desenhada uma marca a 6 m de distância do ponto médio da linha entre as traves e equidistantes destas.

Marca do duplo pênalti

É desenhada uma segunda marca a 8 m de distância do ponto médio da linha entre as traves e equidistantes destas.

Área do chamador

Atrás do gol tem uma área livre de obstáculos para o deslocamento dos chamadores.

Marca do tiro de canto

Na junção da banda lateral com a linha de meta em direção ao gol tem a marcação de uma linha de 8 cm de largura e 20 cm de comprimento, saindo da linha de meta ao exterior da quadra de jogo.

Área de substituição

As substituições serão realizadas por uma porta central situada em frente à mesa do cronometrista ou pela linha de meta de seu gol, no caso de não existir a porta central.

A Bola



Fig. p.3 – A bola oficial. Fotos: Márcio P. Morato

Propriedades e medidas da bola:

- Deve ser esférica;
- deve ser de couro ou outro material adequado;
- tem circunferência mínima de 60 cm e máxima de 62 cm;
- tem um peso superior a 510 g e inferior a 540 g no início da partida;
- tem uma pressão equivalente a 0,4 – 0,6 atmosferas (400 – 600 g/cm²) ao nível do mar;
- sistema de som deve ser interno para permitir uma trajetória regular da bola de maneira que quando este gire sobre si mesmo ou em forma centrífuga, mantenha o som e a segurança dos jogadores.

O número de jogadores

A partida deve ser disputada por duas equipes formadas por no máximo 5 jogadores cada uma (4 serão cegos totais (B-1) e 1 goleiro que pode ser vidente ou deficiente visual (B-2 ou B-3)), que também atuará como um guia (ver anexo II).

A inscrição de cada equipe deve estar composta por 13 representantes com as seguintes funções: 8 jogadores (B1), 2 goleiros, 1 técnico, 1 assistente técnico, 1 médico ou fisioterapeuta.

A DURAÇÃO DA PARTIDA**Tempo de jogo**

A partida é de dois tempos iguais de 25 minutos cada um. A cronometragem é feita por um cronometrista, cujas funções estão especificadas na regra 7. A duração de cada período deve se prolongar para permitir a execução de um pênalti ou duplo pênalti.

A autoridade do arbitro

Cada partida é controlada por um árbitro, o qual tem a autoridade total para cumprir as regras do jogo naquela partida em que foi nomeado, desde o momento em que ele entra no recinto onde se encontra a quadra até o momento em que o abandona.

O início e o reinício do jogo

- É lançada uma moeda e a equipe que ganhar o sorteio decide em qual direção atacar durante o primeiro tempo da partida.
- A outra equipe efetua o tiro de saída para iniciar a partida.
- A equipe vencedora do sorteio executa o chute de saída para iniciar o segundo tempo.
- No segundo tempo da partida, as equipes trocam de lado e atacam em direção oposta.
- Os reservas e oficiais das equipes se situam do lado da quadra onde sua equipe atua como defensora.

A bola em jogo ou fora de jogo

A bola fora de jogo

A bola estará fora do jogo se:

- ultrapassar completamente por uma linha de meta, tanto pelo ar ou pelo solo, ou ainda por uma das bandas laterais, pelo ar;
- jogo foi parado pelo árbitro;
- tocar ou encostar o teto.

A bola em jogo

A bola estará em jogo em todos os outros momentos, inclusive se:

- rebater nas traves ou travessão e se manter dentro da quadra;

- rebater nos árbitros enquanto estes estiverem dentro de quadra;
- rebater nas bandas laterais e permanecer na quadra.

Forma de pontuação gol marcado

Um gol é marcado caso a bola ultrapasse totalmente a linha de meta entre as traves e por baixo do travessão, sem que tenha sido levada, lançada ou golpeada intencionalmente com a mão ou braço por qualquer jogador da equipe atacante, incluindo o goleiro, e sempre que a equipe marcadora do gol não tenha contrariado previamente as regras do jogo.

Equipe vencedora

A equipe que marcou o maior número de gols durante a partida é a equipe vencedora. Se ambas equipes marcarem o mesmo número de gols ou não marcarem nenhum, a partida terminará empatada.

Função dos chamadores

A função dos chamadores deve ser exercida de forma discreta e responsável, sem chegar a prejudicar a atuação dos jogadores.

Técnico

Este fica situado no banco de reservas de sua equipe. Dessa localização pode orientar seus jogadores. O setor destinado e conveniente para esta função será o terço médio da quadra.

Chamador

Este fica situado atrás do gol da equipe rival com o objetivo de orientar os jogadores atacantes. O setor destinado e conveniente para esta função é o último terço da quadra de ataque de sua equipe. Ele não entrará na quadra de jogo para desempenhar sua função e em nenhum caso estará autorizado a

dirigir-se aos árbitros para protestar suas decisões. Podem bater de forma audível as traves antes da cobrança de algum lançamento com bola parada.

Goleiro

Guia a sua equipe no primeiro terço da quadra correspondente a sua defesa. Pode, a critério dos árbitros, quando a bola estiver parada, guiar e localizar seus companheiros na cobrança dos tiros livres, pênaltis e duplo pênalti, assim como também localizar a barreira e colocar seus jogadores em caso de lançamentos contra a sua área de gol, porém não pode fazer além do seu terço defensivo.

Os tiros livres

Tipos de tiros livres

Os tiros livres podem ser diretos ou indiretos.

Tanto para os tiros livres diretos ou indiretos, a bola deve estar imóvel e o cobrador não pode voltar a tocar a bola antes que ela tenha sido tocada por outro jogador.

O tiro livre direto: é concedido o gol se a bola introduzir diretamente ao gol.

O tiro livre indireto: é concedido o gol se a bola tocar em outro jogador antes de entrar ao gol.

Voy

Ao contrário do que se imagina, a modalidade tem muitas jogadas plásticas, com jogadas de efeito inclusive. Muitos toques e chutes a gol. Os jogadores são obrigados a falar a palavra espanhola *Voy* (vou em português), sempre que se deslocarem em direção a bola, na tentativa de se evitar choques. Quando o juiz não ouvir, ele marca falta contra a equipe cujo jogador não disse o *Voy*.

Divisões dos atletas do futebol de 5

Os atletas são divididos em três classes que começam sempre com a letra B (*blind*, cego em inglês).

- *B1* – Cego total: de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
- *B2* – Jogadores já têm a percepção de vultos: capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus.
- *B3* – Os jogadores já conseguem definir imagens: acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

A IMPORTÂNCIA DO FUTSAL NA REABILITAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL

Antes de se iniciar um trabalho em longo prazo com o deficiente visual dentro do futsal para cegos, devemos levar em conta algumas características que esse aluno possui como consequência de sua limitação, entre elas estão os problemas posturais, marcha, coordenação motora, socialização, dentre outras limitações. Apesar de todas essas dificuldades, o que tem maior relevância na dificuldade de desenvolvimento motor da criança deficiente visual é a restrição das oportunidades (FILHO et al, 2006).

De acordo com WINNICK, (2004), essa dificuldade de socialização vem dos próprios pais, professores ou pessoas até mesmo distantes que causam uma superproteção exagerada, isso faz com que a criança cresça dependente e desconfiada de seu próprio potencial.

Para Diehl (2006), as crianças deficientes visuais, recebem pouco estímulo e uma educação de um modo geral não muito boa, por isso, apresenta um *déficit* na parte motora, cognitiva e social afetiva comparado às pessoas que não possuem essa deficiência.

Segundo Cutsforth (1969), citado por Junior e Santos (2007), o futsal para cegos entra como fator importantíssimo no campo de estimulação do deficiente visual, através dele, os praticantes pouco a pouco vão compensando as necessidades através do ganho de confiança e até mesmo obtendo um

maior conhecimento do próprio corpo isso traz uma reabilitação considerável se comparada à criança que não pratica nenhum esporte. Assim ela começa a descobrir seu ambiente, descobrindo em si mesmo o que as outras crianças de visão normal encontram no ambiente: a motivação e o estímulo para realizar qualquer tipo de ação.

COMO O ESPORTE AJUDA NA REABILITAÇÃO DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

O esporte ajuda nesta reabilitação em diversos aspectos, tais como: físico e motor, auxilia na condição cardiovascular, obtém-se ganho de força, agilidade, coordenação motora, equilíbrio e repertório motor. Levando em conta o aspecto social, o praticante ganha uma oportunidade de sociabilização muito ampla, traz uma maior independência e traz uma nova visão da sociedade para com os deficientes. No aspecto psicológico, o esporte auxilia na autoestima e na autoconfiança, fazendo com que os deficientes sintam-se mais seguros para buscarem seus objetivos (CUTSFORTH, 1969).

Dentro do futebol de cinco, deve haver uma atenção especial quando se fizer um trabalho de orientação e mobilidade, pois a locomoção é uma das maiores dificuldades do deficiente visual. Orientação essa ao uso dos sentidos remanescentes para estabelecer a posição do corpo relacionando-o de uma maneira simples ao ambiente e seus objetos. A mobilidade está ligada a resposta através do movimento a estímulos internos e externos. (JUNIOR e SANTOS, 2007).

Distúrbios de ordem motor, perceptivos um aspecto comportamentais que se referem a movimentos inquietos, movimentos limitados, movimentos retardados, rígidos e sem energia, falta de equilíbrio, distúrbios de concentração. Os movimentos perceptivos referem-se à falta de orientação espaço-temporal no esquema corporal, falta de percepção de formas e estruturas e comportamentais como medo agressividade, indiferença e grande necessidade de contato físico (JUNIOR e SANTOS, 2007).

Com isso temos conclusão de alta recuperação de toda a parte física motora e toda parte psicológica, essencial na medida em que o esporte esta na vida do deficiente visual.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa científica é o resultado de uma metodologia na qual se adquire conhecimento. Cada trabalho científico obtém um elo de conhecimento, o qual forma uma rede de resultados sobre um determinado assunto. Portanto, o método utilizado nesta pesquisa foi o levantamento bibliográfico, desde então foi extraído o máximo de informações fundamentadas na história do futsal, na cegueira e, principalmente, em como o futsal para cegos ajuda na reabilitação de quem o pratica.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico e influencia em todas as etapas na medida em que a fundamentação teórica é capaz de dar a sustentabilidade em todo o trabalho.

Consistem também no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007). Para Lakatos e Marconi (1987,p.66) a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento e da documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações e material cartográfico com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo o material já escrito sobre o mesmo. Diante de diversos artigos publicados, desde os mais antigos aos mais novos elaboramos este trabalho com base em publicações comprovadas. Os mais antigos artigos selecionados variam do ano de 1995 até o ano de 2007, tendo como base autores conhecidos pela literatura com influência no esporte. De acordo com os estudos publicados por estes autores, demos ênfase, em palavras-chaves como: futsal, futsal para cegos e reabilitação.

Assim, foi realizado um estudo de caráter bibliográfico, sendo este, elaborado através de informações coletadas a partir de diversos artigos

publicados em revistas científicas que nos mostram detalhadamente as especificações e as vantagens que o deficiente obtém no futsal para cegos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O futsal é um poderoso fator para o desenvolvimento humano, pois ele contribui no aspecto decisivo, para ter a formação física e intelectual de vários indivíduos (WIPERT, 2005) como respeito ao próximo, individualidade, cooperação, trabalho em grupo, disciplina, liderança, proporcionando uma boa formação aos indivíduos envolvidos no processo.

Na área do esporte há varias modalidades que contribuem para facilita a inclusão de novos praticantes. Mas nenhum desses esportes supera o futebol. Ele atrai olhares, despertar sonhos entre aquelas quatro linhas, chama atenção das comunidades para desfrutar do prazer de jogar futebol. (CRUZ, 2003) O futsal quando incentivado, seja em periferias ou centros urbanos faz com que os seus praticantes se sintam valorizados em relação ao local em que vivem, dando-lhes o sentimento de pertencerem a uma sociedade integrada. Essa preocupação com o processo de inclusão social é uma crescente na sociedade moderna, a reintegração social através do esporte, principalmente o futebol, que é uma modalidade que possui uma linguagem universal.

Na sociedade moderna, na qual recebemos estímulos visuais em todo momento, o indivíduo com deficiência visual além de estar em desvantagem, também passa por muitas dificuldades em vários aspectos como: social, motor e emocional. A inclusão e o esporte tem seu papel fundamental na reabilitação do cego. Através de prática do esporte, o cego terá auto estima para que ele dedicar-se ser bom e ter sucesso na vida, terá seus sentidos e suas valências melhorando tanto quanto quem enxerga, fazendo ele sentir o espírito de socialização e interação com todos. (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

Os estudos mostram que o trabalho de futsal com deficiente visual traz bons benefícios. De várias formas. Nos aspectos físico e motor, melhora a

condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor desse deficiente visual.

Melhora e desenvolve a autoestima e a autovalorização, tem grande influência na independência e na socialização com outros grupos. (CORREIA, LIMA JUNIOR, MENDES, 2013).

De acordo com SOUZA, (1994), o futsal para cegos produz ganhos de força e resistência muscular de uma maneira geral, além de melhorar a velocidade, o equilíbrio estático e dinâmico, prevenção de outras deficiências, desenvolve habilidades motoras e funcionais, o que traz um auxílio no dia a dia e conseqüentemente isso provoca uma reabilitação no indivíduo praticante, de um modo que ele inicie o esporte de um jeito, com dificuldades e até mesmo com medo, passando a ser uma pessoa autoconfiante e mais interagido dentro da sociedade.

CONCLUSÃO

De acordo com os dados coletados sobre as pesquisas citadas acima constatou se que o futsal na reabilitação de deficiente visual apresenta melhoras nos aspectos físico e motor, melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor. No aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de sociabilização com pessoas portadoras e não portadoras de deficiências, além de tornar o indivíduo mais independente para a realização de suas atividades diárias.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

AMARAL J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Ceará, UFCNEAPI, 2007

Correia. D. E.B. A., Lima Junior. P. S., Mendes. C. R. S. **FUTSAL PARA CEGOS: UMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO SOCIAL**. Artigo apresentado no V Seminário de Pesquisas e TCC da FUG no semestre 2013-1. Disponível

em: <http://fugedu.com.br/repositorio/wp-content/uploads/2015/03/FUTSAL-PARA-CEGOS-UMA-PERSPECTIVA-DE-INCLUS%C3%83O-SOCIAL.pdf>

Acesso em 19/11/15

CRUZ, A. R. **Futebol Brasileiro: um caminho para a inclusão social**. São Paulo. Ed. Esfera .2003. Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

Diehl, R. M. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiências**. São Paulo: Phorte, 2006.

Filho, C. W. O. et al. As relações do jogo e o desenvolvimento motor na pessoa com deficiência visual. **Revista brasileira de ciência do esporte**. Campinas, v.27, n.2, p.7-18, Janeiro. 2006.

FONTES, M. S. **Futebol de cinco para cegos**. In: CASTELLI, Dolvair P.; FONTES, Mário S. Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

Gil, M. Deficiência Visual. Brasília: MEC. Secretaria de educação à distância, 2000.

IBGE 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 02 de nov. de 2015.

INTERNATIONAL blind sports federation (IBSA) 2006. Disponível em: <<http://ibsa.es>>. Acesso em 27/10/15.

ITANI, D. E. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2004, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Junior, W. R.; Santos, L. J. M. Judô como atividade pedagógica desportiva complementar em um processo de orientação e mobilidade para portadores de deficiência visual. **EFDeportes.com, Revista Digital**.Bueno Aires, Nº 35, 2001. <http://www.efdeportes.com/efd35/judo.htm>

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M de. A. PESQUISA In: Metodologia do Trabalho Científico. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

MATARUNA, L.; OLIVEIRA FILHO, C. W.; FONTES, M. S.; ALMEIDA, J. J. G. **Inclusão social: esporte para deficientes visuais**. In: Da COSTA, Lamartine (Org.) Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

Monte Alegre, P. A. C. (2003). A cegueira e a visão do pensamento. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SACKS, O. W. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Jr. n. j. **Espetacularização Esportiva na TV: Ações e Desafios à educação física escolar**, RJ, 20072166.

SOUZA, P.A. **O esporte na paraplégia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, Koogan S.A. 1994.

SOUZA, **O Futebol de 5 na reabilitação do cego**, *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 162, Noviembre de 2011*. Disponível em <http://www.globalfitness.com.br/portal/artigos-cientificos/o-futebol-de-5-na-reabilitacao-do-cego/> acessado em 10/11/2015

THOMAS, J. R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

URECCE disponível em: < <http://urece.org.br/site/esportes/futebol-para-cegos/regras-do-futebol-para-cegos/>>. Acesso em 02 de nov. de 2015.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. **O Que É Futsal** . Brasil: Casa da Palavra, 2007. Capítulo: 12, p. 55-59.

Winnick, J. P. **Educação Física e esportes adaptados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.

WILPERT, R. A. **O futebol como agente de inclusão e interação**. 2005. 131 f. Dissertação (Mestre) - Universidade Federal de, Florianópolis, 2005.

